

O SENTIMENTO DE LAR PARA O COLONIZADOR PORTUGUÊS

Cinthia da Silva Belonia

Orientador: Silvio Renato Jorge

Doutoranda

RESUMO: Lar é diferente de casa. Enquanto este é construção, o primeiro é pertencimento. Tal conceito pode ser construído a partir do quadro referencial do espaço privado e também do espaço público. Lar também pode ser definido no espaço por poder ser mais facilmente associado a alguns lugares do que a outros. Para o conceito de lar o enraizamento é vital. “Entre migrantes, refugiados e viajantes a noção de lar é negociada na dinâmica das restrições e possibilidades associadas a diferentes locais: ao contrário do apego ao aqui e ao lá, o lar é concebido como pertencendo a mais de uma localidade simultaneamente” (SILVA, 2016, p. 39). Partindo do princípio de que o colono é também um emigrante, pretendemos abordar nesse trabalho o sentimento de pertença do colono português que escolheu permanecer em solo moçambicano após a independência do país, comparando com o colono que precisou ir embora, mesmo não sendo por escolha própria. Para o primeiro caso selecionamos o personagem Costa do romance *Crónica da Rua 513.2* do escritor e historiador moçambicano João Paulo Borges Coelho. Já para o segundo colono selecionamos a narradora, também personagem do romance *Caderno de memórias coloniais* da escritora portuguesa Isabela Figueiredo. Nesta análise, convocamos Stuart Hall para dialogar pertencimento e identidade na pós-modernidade, dentre outros artigos sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: colonizador, identidade, emigração, pertencimento.

Edward W. Said, em *Cultura e Imperialismo* (2011), afirma que a colonização é uma consequência do imperialismo. Segundo Salazar, Portugal não era um país pequeno, era um império do Minho ao Timor. No imperialismo um centro metropolitano dominante governa um território distante. Ou seja, através da implantação das colônias. Com o fim deste, há o fim da colonização com um processo tão violento quanto. Além disso, segundo Said, os países que foram colonizados, como Moçambique, enfrentam às humilhações do colonialismo tentando encontrar uma base ideológica mais ampla. “Essa base é encontrada, a meu ver, na redescoberta e repatriação daquilo que fora suprimido do passado dos nativos pelos processos imperialistas” (SAID, 2011, p. 329). A descolonização é uma intrínseca batalha sobre o rumo dos diferentes destinos políticos, das diferentes histórias e geografias.

A resistência, segundo Said, precisa trabalhar para recuperar as formas já constituídas ou, ao menos, influenciadas pela cultura do império. Os moçambicanos na descolonização precisaram reimaginar uma Moçambique despojada do passado imperial. No entanto, a identidade cultural, que é construída e reconstruída em anos, não se apaga da noite para o dia. “Mas a história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais. As culturas não são impermeáveis” (SAID, 2011, p. 339). Superar o nativismo não precisa ser abandonar a nacionalidade, mas pensar a identidade local como algo que não esgota a identidade do indivíduo ou do povo.

Para Said o que a descolonização gerou de mais lamentável foi o maior número de refugiados, imigrantes, deslocados e exilados que em qualquer outro período da história. A luta pela independência gerou novos Estados e novas fronteiras assim como gerou andarilhos sem lar:

E na medida em que essas pessoas existem entre o velho e o novo, entre o velho império e o novo Estado, a condição delas expressa as tensões, irresoluções e contradições nos territórios sobrepostos mostrados no mapa cultural do imperialismo. (SAID, 2011, p. 504)

O personagem Basílio Costa, do romance *Crônica da Rua 513.2* (2006) do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, é o ex-colono que, como escolheu ficar, precisa se adaptar. Para Albert Memmi, em *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador* (2007), esse é o tipo de ex-colono que decide ficar prometendo a si mesmo recusar a colonização. É por isso que Costa adquire, da noite para o dia, um comportamento passivo diante das mudanças políticas e sociais do país que escolhe para chamar de seu. No entanto, Memmi alerta: “Recusar a colonização é uma coisa, adotar o colonizado e por ele se fazer adotar parece ser outra, e elas estão longe de estarem ligadas” (MEMMI, 2007, p. 59). O comportamento de Costa é passivo ao mesmo tempo em que é também distante dos demais. Ele não se mistura muito. No dia que todos da Rua 513.2 precisam trabalhar em conjunto para construir o abrigo, Costa é observado pelos vizinhos por tentar se assemelhar ao máximo a eles: “o mulungo quase parece um dos nossos, não fossem a cor e o gesto atrapalhado que tem!” (COELHO, 2006, p. 102). Costa tenta pertencer àquela nova pátria, já que escolhera ficar nela para não mais voltar. Precisava fazer dela seu lar. Por isso que vai tentar parecer como qualquer outro membro do povo, usar as calças enroladas enquanto trabalha deixando à

mostra pernas muito brancas, cavar como cava os outros embora com menos jeito, e também tentar entoar canções de trabalho em uma língua que desconhece.

Quando Costa está na fila organizada por Guilhermina Ferraz para pegar a sua parte da mercadoria de mantimentos da semana o narrador observa que passado e presente estão juntos na mesma pessoa. Por fora há a humildade que ele descobriu no presente para se adaptar aos tempos atuais no país que escolhera viver. No entanto, por dentro, há a humilhação do passado que ainda persiste.

Memmi acredita que esse sentimento de humilhação, por exemplo, não se trata de racismo, necessariamente, mas apenas que o ex-colono se dá conta de que a ex-colônia não é um prolongamento da metrópole. Ele já não vê mais no ex-colonizado um homem exótico, vê um homem comum, mas ao mesmo tempo percebe que tem agora diante de si outra civilização, outros costumes, homens com reações que o surpreendem e com os quais não sente afinidades profundas. Costa seria o que Memmi chama de desertor, pois não só aceitou aqueles pelos quais aceitou ser adotado, como foi de fato adotado por eles. No entanto, depois de refletir um pouco, o ex-colonizador percebe que não pode se identificar com eles e nem aceitá-los, mas como optou por ficar por lá, precisa de astúcia, para de mansinho, conseguir ficar em Moçambique. Até porque, segundo Memmi, ele não tem o que fazer:

Sua vontade política sofrerá uma fissura profunda, a de sua própria contradição. Se tenta fundar um grupo político, só despertará o interesse de seus pares, já colonizadores de esquerda, ou de outros desertores, nem colonizadores nem colonizados, eles próprios em uma situação ambígua. Nunca conseguirá atrair a multidão dos colonizadores, cujos interesses e sentimentos ele afronta demais; nem os colonizados, pois seu grupo não é originado ou sustentado por eles, como devem ser os partidos de profunda expressão popular. Que ele não tente tomar uma iniciativa, deflagrar uma greve, por exemplo; logo constatará sua absoluta impotência, sua exterioridade. Ainda que se submetesse a oferecer incondicionalmente sua ajuda, não poderia estar certo de ter controle sobre os acontecimentos; ela é na maior parte das vezes recusada e sempre considerada desprezível. Além disso, essa aparência de gratuidade só ressalta ainda mais sua impotência política. (MEMMI, 2007, p. 77)

Costa não queria voltar para Portugal por não querer ser mais um retornado. O ensaísta tunisiano escreve que a metrópole só é grande porque está além do horizonte. Ambos, tanto Memmi quanto o personagem Costa, sabem que voltando para a ex-metrópole ele deixa

de ser um homem superior, além de perder o sublime. Não que ele tenha permanecido como uma pessoa superior em Moçambique depois da independência, longe disso. No entanto, eram humilhações diferentes. Costa escolheu aquela que ele podia carregar. O professor Silvio Renato Jorge, no livro *Sobre mulheres e estrangeiros: Alguns romances de Olga Gonçalves* (2009) nos lembra do mito de que os portugueses são um povo que se adapta a qualquer lugar convivendo bem com qualquer etnia e miscigenando-se a elas. Mesmo optando pela nova pátria, vão manter alguns laços com a antiga (no caso de Costa, a família), assumindo assim o intervalo como espaço de existência. Essa vai ser uma forma fronteiriça de viver.

Em *A gramática do tempo: para uma nova cultura política* (2010), Boaventura de Sousa Santos escreve sobre a necessidade que o colono teve em imitar o colonizado para sobreviver no pós-colonialismo. Antes o que era feito por motivos de aproximação passou a ser feito por sobrevivência, como Costa com a calça dobrada para cima enquanto trabalhava com os demais vizinhos e na entoação da música de trabalho em uma língua que ele sequer conhecia. Sousa Santos chama essa imitação de kit de primeiros socorros, como se fosse algo necessário apenas inicialmente.

Costa é uma dessas pessoas que Stuart Hall descreve como dispersadas para sempre de sua terra natal, assim como a narradora de *Caderno de memórias coloniais* (2010), romance da escritora portuguesa Isabela Figueiredo. A ele também só resta a tradução para se adequar a essa nova pátria. No entanto, como ele está determinado a ficar e o fez por escolha própria, será mais fácil se adaptar à cultura local adequando-se a ela a medida do possível, dentro do possível, hibridizando-se. Ele estará menos preocupado em ter duas identidades e em falar duas línguas culturais e negociar entre elas, pois está determinado a fazer de Moçambique seu lar. Esse ex-colono que escolhe ficar não tem o que Hall chama de tradição, ele não pretende manter-se fiel às origens.

A professora Denise Almeida Silva, no artigo “Casa, Lar”, para definir os verbetes explica-os diferenciando-os um do outro, pois casa é uma construção que fornece moradia e abrigo, enquanto lar pode ser qualquer lugar que corresponda a bem-estar, segurança, aconchego e pertencimento. Basicamente é o que o que Costa sente em Moçambique e que não sentiria se voltasse para Portugal, por isso a escolha em ficar. Segundo Almeida Silva, apesar do significado semântico da palavra lar ser compartilhado por pessoas de um mesmo contexto cultural, sua imagem semântica é construída individualmente. O sentimento de lar

para uma pessoa não vai ser o mesmo para outra. A narradora de *Caderno de memórias coloniais*, por exemplo, não só perde a casa como também o lar.

Segundo o dicionário *Aurélio*, “lar” (substantivo masculino) significa: “1. A parte da cozinha onde se acende o fogo. 2. Lareira. 3. A casa de habitação. 4 A família. 5. A terra natal, a pátria.” O senso de lar é reduzido gradualmente de acordo com a escala de distância, por exemplo: a Rua 513.2 pode ser um lar para os moradores dela mais que Maputo. Almeida Silva acredita que o conceito se altera com o tempo e com a idade: “a mãe é o primeiro lar da criança; é depois expandido para a família e a comunidade; por fim, reduz-se com a perda das faculdades, a enfermidade ou a morte” (SILVA, 2016, p. 37).

Lar, além de espaço, também é uma condição física, apresentando um reflexo do psicológico e sentido social, segundo Almeida Silva. Atualmente, lar pode ser um estado de ser, construído a partir dos hábitos, do apego, dos padrões de vida, das circunstâncias e das relações em diferentes épocas e culturas. Por isso é tão difícil para a narradora de *Caderno...* e para os demais retornados ressignificarem o conceito que têm de lar para se adaptarem ao novo país, para muitos, agora, como emigrantes. O lar, que pode ter seu quadro referencial construído no espaço privado como no público, tem este organizado de acordo com regimes de poder. Portanto, o sentir-se em casa é mais fácil para uns que para outros, principalmente quando um grupo, o que tem dificuldades para se sentir em casa, faz parte de uma minoria. Para se sentir em casa é preciso desenvolver um senso de controle e pertencimento, “a tal ponto que o sujeito e o ambiente vivem em relação mútua e dinâmica” (SILVA, 2016, p. 39). Por isso que não é qualquer casa que possa ser chamada de lar.

Já o retornando é um tipo de estrangeiro dentro de Portugal, tanto o que nasceu em Moçambique, quanto aquele que te fato retorna. Este sujeito, colono branco que com a independência das colônias se vê obrigado a ir embora do país que considera ser o seu, emigra para a antiga metrópole atrás de um território que se sinta pertencente, pois o da sua terra natal lhe foi negado.

Silvio Renato Jorge atenta para o fato de que o emigrante não possui o apego ao local de origem que o senso comum costuma atribuir. Claro que existe afeto, mas não o peso. Afinal, antes do retornando ser um emigrante em Portugal, ele já era um emigrante em Moçambique. Da mesma forma que o vazio da terra natal fora ocupado na antiga colônia, ele passa a ser ocupado na antiga metrópole:

O emigrante é aquele que, mesmo convivendo com uma mistura ambígua de sentimentos em relação à sua origem – estorvo, dor, exaltação –, deposita alhures as suas esperanças, apontando, portanto, para o quanto de fragmentário pode existir em todo processo de identificação. (JORGE, 2009, p. 51)

O emigrante habita um espaço fronteiriço, ou seja, ele não se sente pertencente a lugar algum por completo ao mesmo tempo em que consegue se sentir filiado a qualquer tradição. No entanto, isso ainda não está bem resolvido para o retornado, que mais parece em crise entre a posse e a pertença a uma terra que a um pertencimento a todas elas. A identidade é um processo em um eterno fazer-se, segundo Silvio Renato Jorge, que se desenrola conforme a memória individual é relacionada à do grupo e da sociedade.

A experiência de desterritorialização acarreta sofrimento para muitos retornados. Esse colonizador ocupa duplamente a margem, pois já era emigrante quando fora para Moçambique colonizar. Agora volta para Portugal mais uma vez como emigrante. Sua identidade é um eterno processo. Não que a dos outros também não seja. A diferença é que o estrangeiro se reconhece como estrangeiro. Ele sabe que sua identidade é diferente daquele que sempre esteve em Portugal sem nunca de lá sair. Então terá que aprender a elaborar o seu *outro* para encontrar uma identidade possível.

Stuart Hall escreve, em *Identidade cultural na pós-modernidade* (2011), que o sujeito que acredita ter uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, ele é composto não de uma única, mas de várias identidades, podendo ser até mesmo contraditórias e não resolvidas entre si. Hall chama esse sujeito de pós-moderno e essa identidade de celebração móvel: “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p. 13). Essa definição é histórica e não biológica, segundo Hall. Para o sociólogo jamaicano, a ideia de uma identidade plenamente unificada é uma fantasia.

As sociedades modernas, segundo Hall, são sociedades em constante mudança. Elas não têm centros, não vão se desenvolvendo de acordo com o desdobramento de uma única causa ou lei. Hall cita o conceito de deslocamento de Ernest Laclau, para quem “uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado” (HALL, 2011, p. 17). Da mesma forma é a sociedade colonizadora, que não é um todo unificado e bem delimitado, ela é constantemente descentrada ou deslocada. Hall observa que o deslocamento tem características positivas, pois

mesmo desarticulando as identidades passadas do passado, ele abre possibilidades de novas articulações: a criação da identidade hibridizada do retornado.

Segundo Hall, a Europa Ocidental sequer tem uma nação que não seja híbrida cultural, não existe uma única cultura ou etnia composta por um único povo. Portanto, o colonizador, ao chegar a Moçambique, já chega hibridizado. Ao voltar de lá anos mais tarde, retorna ainda mais hibridizado culturalmente. O preconceito sofrido pelo retornado devido a essa questão cultural, além de mostrar a hostilidade do povo português com o *outro*, mostra também a falta de conhecimento da própria história, do próprio passado cultural.

As fronteiras já foram dissolvidas, nos afirma Hall. As velhas certezas e hierarquias da identidade são postas em questão. O que é ser português pós-retornado em um país que é um repositório de culturas várias? O filho do colonizador, aquele que nasceu em Moçambique, como a narradora, que “retorna” para um país que nunca esteve antes, só tem como opção a Tradução. Segundo Hall, “este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal.” (HALL, 2011, p. 88-9). Sem perder a sua identidade, as pessoas traduzidas se vêem obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, mas sem serem assimiladas por elas:

A diferença é que elas [a cultura] não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido. [...] Elas são irrevogavelmente *traduzidas*. [...] Eles [os emigrantes] são produtos das *novas diásporas* criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. Há muitos outros exemplos a serem descobertos. (HALL, 2011, p 89-90)

A personagem narra sua partida de forma dura como quem quer esquecer todo o passado: “Não voltaria a esse lugar, que sendo a minha terra, não me pertencia” (FIGUEIREDO, 2010, p. 87). A ideia de posse e pertença é algo muito caro ao ex-colono retornado. Ele acreditava ser o dono de Moçambique, mas não moçambicano, pois era português. Ao se ver obrigado a ir embora essa identidade é posta em xeque. Esse colono deixa de ter a posse daquela terra ao mesmo tempo em que percebe que se sentia pertencente a

ela. O retornado, enquanto emigrante, precisa se reconstruir em Portugal, reconstruir uma nova identidade:

A minha terra nunca veio, depois disso, a ser um metro de chão preciso – um talhão do qual se pudesse dizer “pertencço aqui”. Ou, “vêem aquela janela no 4º andar, foi ali”; “onde está agora aquele prédio, a minha mãe...”/ A minha havia de ser uma história, uma língua, uma ideia miscigenada de qualquer coisa de cultura e memória, um não pertencer a nada nem a ninguém por muito tempo, e ao mesmo tempo ser tudo, e de todos, se me quisessem, para que merecesse ser amada; quanto custava o amor?/ O meu corpo tornou-se devagar a minha terra. Materializei-me nela, e todos os dias voltava ao anoitecer à minha terra, e dela saía de manhã. (FIGUEIREDO, 2010, p. 87)

O sentimento de nacionalidade da narradora é o de desterrada. Ao ver um moçambicano pelas ruas de Lisboa, ela tem um impulso de falar com ele que também era de Moçambique, mas dentem-se, pois se lembra que dentro dela havia uma terra da qual havia sido desterrada, e que talvez ele também. Há um sentimento de incompletude:

Os desterrados, como eu, são pessoas que não puderam regressar ao local onde nasceram, que com ele cortaram os vínculos legais, não os afectivos. São indesejados nas terras onde nasceram, porque a sua presença traz más recordações./ Na terra onde nasci seria sempre a filha do colono. Haveria sobre mim essa mácula. A mais provável retaliação. Mas a terra onde nasci existe em mim como uma mácula impossível de apagar. (FIGUEIREDO, 2010, p. 133)

De tudo o que viveu até o momento, o que fica para a narradora de toda a memória colonial é a culpa. Moçambique é a imagem da menina branca ao sol ao lado da menina negra empoeirada, em silêncio, de lados opostos da justiça e da sobrevivência. Moçambique seria a terra da qual ela um dia fora desterrada, e:

Um desterrado como eu é também uma estátua de culpa. E culpa, a culpa, a culpa que deixamos crescer e enrolar-se por dentro de nós como uma trepadeira incolor, ata-nos ao silêncio, à solidão, ao insolúvel desterro. (FIGUEIREDO, 2010, p. 134)

No artigo “Casa, lar”, a professora Denise Almeida Silva, ao procurar definir o verbete “lar” ressalta que a experiência do não lar pode ser construída, como clássico exemplo da “Canção do Exílio”, do poeta Gonçalves Dias, a partir do exterior, ou seja, pelos contrastes dos eixos espaciais “cá” e “lá”. Assim ocorre para a narradora que tinha sua identidade como

portuguesa muito bem definida enquanto estava em Moçambique. No entanto, bastou chegar a Portugal para essa mesma identidade ser posta em xeque, não só pelos portugueses que os classificaram a todos como retornados, mas também por ela mesma que não se reconhecia neles.

Conforme escrito anteriormente, o retornado é um tipo de estrangeiro. Sobre esta forma de estar no mundo, a professora Silvína Carrizo, no verbete “Estrangeiro”, descreve que estes são:

[...] os que matem uma relação específica com uma comunidade, república ou Estado, regulamentada por direitos e deveres nacionais e transnacionais. Há diferentes tipos de estrangeiros: turistas, imigrantes/emigrantes, trabalhadores, exilados, expatriados, refugiados e deslocados. (CARRIZO, 2016, p. 115)

O retornado pode se identificar tanto com o emigrante, como também com o expatriado, o refugiado ou o deslocado. Segundo Carrizo, o termo estrangeiro abrange outras instâncias do sujeito no mundo moderno, ele circula entre o que é familiar e estranho. Para o retornado o familiar está naquilo que ele ainda tinha na memória de antes de ir para Moçambique, no que ainda conservava da antiga metrópole. Já aqueles que nasceram na antiga colônia, o familiar é o que estava na memória dos seus pais e no que fora ensinado na escola. O estranho é a realidade atual, já totalmente modificada com o passar dos anos ou completamente desconhecida para aqueles que nunca estiveram em Portugal antes.

Basílio Costa escolhe habitar Moçambique. Ao escolher habitar, ele pode construir seu espaço, sua identidade, seu território. A professora Maria Bernadette Velloso Porto, no artigo “Habitar, Habitabilidade” sobre o verbete, o define como: “o ato de habitar não se reduz ao fato de se ocupar simplesmente um espaço, mas supõe permanência, duração e elaboração de narrativas de vida” (PORTO, 2016, p. 172). Faz-se no cotidiano, ao cultivar relações com a vizinhança e o acúmulo de memórias que tornem aquele espaço como seu. Além disso, segundo Eduardo Lourenço, em *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia* (2001), antes do século XIX os portugueses que iam para as colônias eram portugueses nas colônias apenas, ou colonizadores, nunca emigrantes, principalmente porque os portugueses não sentem necessidade de rebatizar terras que conquistam como se nunca tivessem saído de casa. Aqueles que ficaram em Moçambique, ou em qualquer outra ex-colônia é o que se costuma chamar de emigrante.

O retornado passa a ter Moçambique como uma espécie de morada-refúgio depois que chega a Portugal. O país africano passa a habitar a memória de maneira proustiana, com seus cheiros e gostos, já que o retorno a ele é inviável. No entanto, essa moçambicanidade vive apenas na memória do retornado, pois ele não se mistura aos negros em Portugal. Como é dito pela narradora, uma mente colonialista permanece colonialista até morrer. Habitar também é a escolha de costa em Moçambique. Ao escolher habitar, ele pode construir seu espaço, sua identidade, seu território; não apenas ocupando-o, mas cultivando relações de afeto e acumulando memórias para tornar aquele espaço como algo seu.

REFERÊNCIAS:

- CARRIZO, Silvina. “Estrangeiro”. In: COSER, Stelamaris (Org.). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016.
- COELHO, João Paulo Borges. *Crónica da Rua 513.2*. Lisboa: Caminho, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa*. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia Margarida dos Anjos... [et al]. 5ª Ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 4. ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracia Lopes Louro – 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- JORGE, Silvio Renato. *Sobre mulheres e estrangeiro: alguns romances de Olga Gonçalves*. Niterói: EdUFF, 2009.
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- PORTO, Maria Bernadette Velloso. “Habitar, habitabilidade”. In: COSER, Stelamaris (Org.). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção para um novo senso comum; v. 4)



Anais do IX Seminário dos Alunos dos
Programas de Pós-Graduação do Instituto
de Letras da UFF
Estudos de Literatura

SILVA, Denise Almeida. “Casa, lar”. In: COSER, Stelamaris (Org.). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016.